

## APRESENTAÇÃO

“Boa coisa seria, para todos nós, que esse continente imerso, essa antiga Atlântida surgisse novamente à tona das águas a ligar-nos por vias terrestres [...]. A outra *Atlantida* fez mais, porém, liga-nos por todos os modos, mas, para ligar-nos com maior intensidade, é obrigada a sujeitar-se a tantas cousas entre as quais avulta de importância a falta de vapores, depois o medo dos submarinos, a preguiça dos homens e todas essas coisas desagradáveis que no mundo existem”.<sup>1</sup>

A reflexão é de um certo João d’Além. Mas a que outra *Atlantida* ele se reporta? Sabe-se que o relato de Platão acerca do continente perdido foi atualizado e ressignificado ao longo dos séculos, conforme demonstra o historiador Pierre Vidal-Naquet.<sup>2</sup> Aliás, ainda hoje, o mito criado pelo filósofo grego continua a inspirar poetas e ficcionistas, e a instigar a curiosidade de exploradores, cientistas e aventureiros, que se esforçam para localizar essa ilha utópica, uma espécie de novo Olimpo, situado no meio do oceano Atlântico, a oeste do estreito de Gibraltar, possivelmente, entre a Europa e a América.

João d’Além, ou melhor, o escritor João Paulo Coelho Barreto, cujo pseudônimo mais conhecido é João do Rio, retomava o mito platônico para se referir a uma revista: a *Atlantida. Mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil*. Desta feita, a metáfora do continente desaparecido, supostamente (re)encontrado

1 D’ALÉM, João. Carta a João de Barros. *Atlantida*, Lisboa, v. 3, n. 8, p. 871, jun. 1916.

2 VIDAL-NAQUET, Pierre. *Atlântida*. Pequena história de um mito platônico. Trad. de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

nas páginas daquela publicação, servia de mote a um empreendimento editorial, voltado para reforçar os laços luso-brasileiros. Projeto, diga-se de passagem, que envolveu intelectuais, políticos e homens de negócio das duas margens do mar-oceano.

O periódico circulou com regularidade entre 1915 e 1920, dirigido a quatro mãos: no Brasil, por João do Rio, e em Portugal, por João de Barros. Curiosamente, as biografias de ambos passam ao largo dessa parceria editorial, embora os dois joões sejam sempre lembrados como as figuras mais emblemáticas da aproximação luso-brasileira, segundo Rui Ribeiro Couto (1949).

De um modo geral, os estudos sobre o mensário têm analisado apenas as suas parcas achegas ao campo das letras. Entretanto, na própria publicação, lê-se a seguinte advertência: A “*Atlantida*, porém, não pretende só dar versos e dar o que nós latinos chamamos de literatura. No seu programa cabe também o intercâmbio comercial entre as duas Repúblicas”<sup>3</sup>

Nossa contribuição pretende, pois, jogar luz sobre aspectos pouco explorados pela historiografia, enfatizando o engajamento da *Atlantida* em outras questões que extrapolam os domínios da literatura. Sim, porque, para além de poesias, de contos e de peças de teatro, a revista divulgou outras manifestações culturais e artísticas, sobretudo portuguesas. A par disso, debruçou-se sobre temas contemporâneos de interesse geral, levantou problemas econômicos e geopolíticos que afetavam as relações entre Brasil e Portugal, e abraçou causas polêmicas, como a proposta de se estabelecer uma “confederação luso-brasileira”.

A obra foi organizada em duas partes que se complementam. A primeira analisa o percurso cumprido pelo mensário, a atuação dos fundadores e os temas que abordou com maior frequência. Discute, ainda, os significados da *Atlantida* e suas dimensões entre as revistas luso-brasileiras da época.

A segunda parte oferece um dossiê antológico e iconográfico. A antologia é composta de excertos de matérias publicadas, acompanhados da relação de todos os colaboradores da revista. A seleção dos textos incide sobre temas/problemas examinados nos

3 RIBEIRO, Carlos. Turismo. *Atlantida*, Lisboa, v. 1, n. 3, p. 302, jan. 1916.

capítulos anteriores. No âmbito iconográfico, aparecem algumas das obras de arte que foram reproduzidas nas páginas do periódico, além de fotografias, desenhos e caricaturas de personalidades. O dossiê constitui, por conseguinte, uma espécie de prova empírica, que sustenta e reforça a nossa argumentação. O livro se completa com a transcrição de documentos dos fundadores do mensário, em particular, peças do espólio epistolar de João de Barros.

Tal como a *Atlantida*, nosso trabalho se caracteriza por ser binacional. Apresenta os resultados de investigações realizadas no Brasil e em Portugal, em decorrência de convênio firmado entre o Laboratório Redes de Poder e Relações Culturais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o Seminário Livre de História das Ideias, da Universidade Nova de Lisboa. Escrito a seis mãos, à sua maneira, o livro também se inspira na parceria entre os dois Joões e dá continuidade à tradição dos estudos luso-brasileiros. Neste sentido, podemos antecipar que brevemente estará disponível a reedição integral da revista em meio digital, com informações relevantes, acompanhada de estudo introdutório, da descrição sumária do teor de cada um dos artigos, bem como da indexação da totalidade dos textos publicados, o que possibilitará a pesquisa direta por autor, por conceito, por assunto, por autor citado, entre outros critérios gerais de análise.

Cabe, por fim, salientar que até sair de circulação, em abril de 1920, a *Atlantida* veiculou contribuições da nata da intelectualidade que se movimentava no eixo Lisboa – Rio de Janeiro. Testemunhos de uma época, as idéias expressas nas suas páginas merecem ser revisitadas. Se por um lado, tais concepções conquistaram muito mais adeptos nos meios letrados do que no âmbito político-institucional, por outro, despertaram memoráveis polêmicas, tanto no Brasil como em Portugal. Até porque o desaparecimento do periódico não implicou no fim do projeto defendido pelos seus idealizadores. É certo que João do Rio faleceu subitamente um ano depois da extinção da revista. Mas, João de Barros e a rede de intelectuais que se formara em torno da publicação binacional, sobreviveram-na, continuaram a disseminar suas propostas, influenciando novas gerações. Neste sentido, não há dúvida de que a noção de comunidade luso-brasileira foi inventada pela *Atlantida*.